

**A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DO NOROESTE PAULISTA: A HISTÓRIA DO FAZER-SE PROFESSORA DE MARILZA BARBOSA DE ALMEIDA MARQUES**

Emanuele Celina da SILVA<sup>1</sup>  
 Fabiana QUIOZINI<sup>2</sup>  
 Georgea Suppo Prado VEIGA<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem a finalidade de reconstituir a trajetória acadêmica e pessoal, de uma professora. De onde veio, o que estudou, como foi sua formação, o início de sua carreira, qual foi sua participação e contribuição na formação das pessoas da cidade de Santa Fé do Sul- SP. A professora, nascida no sertão paulista, na década de 40, Marilza Barbosa de Almeida Marques, foi escolhida como objeto desta pesquisa por fazer parte da primeira turma da ENGE- Escola Normal e Ginásio Estadual de Santa Fé do Sul, cursando assim o Magistério (preparação de professores), a qual formou as primeiras professoras primárias da cidade. A metodologia que sustenta a pesquisa é a história oral, que trabalha e faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevistas. A História oral possibilita o registro da memória individual, da reinterpretação de um passado. Com essa técnica nos é permitido pesquisar grupos e sujeitos que de algum modo estão imersos na constituição da história de um local. O depoimento da professora é usado como fonte. O objetivo é narrar a sua trajetória profissional, para que possamos compreender o ser e fazer-se professora na década de 70. A pesquisa constitui-se em duas fases, partindo das seguintes questões: Como foi estudar em uma época onde a formação de moças não tinha apoio da própria família? Como foi a trajetória de fazer-se professora? A fundamentação teórica e revisão bibliográfica dar-se-ão na primeira parte, na qual abordaremos os princípios da História Oral, em seguida far-se-á a trajetória da professora.

Palavras-Chave: Educação. Formação. História oral. Professores.

## **1 INTRODUÇÃO**

Para iniciar a apresentação deste artigo, optamos por relatar o encontro com o passado de Marilza Barbosa de Almeida Marques.

Em 2012, primeiro ano de faculdade, quando precisamos fazer um projeto de pesquisa, veio a ideia de contar a vida das mulheres enquanto professoras. Uma professora nos contou que não havia em Santa Fé do Sul nenhum projeto com esse enfoque, então nos empenhamos em saber qual foi a professora que teria feito parte da formação de muitos cidadãos santa-fé-sulenses. Foi aí que surgiu a professora Marilza uma das primeiras professoras a se formar na cidade.

Ficamos lisonjeadas quando a professora nos acolheu com tanto carinho e aceitou participar. Faríamos uma pesquisa que envolve a história de mulheres. Quando iniciamos as

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – SP, FUNEC, emanuecelina\_2008@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – SP, FUNEC, fabianaquiozini@gmail.com

<sup>3</sup>Docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – SP, FUNEC, georgeaprado@hotmail.com

entrevistas percebemos que havia práticas, em especial de memória feminina, de uma mulher que na sua juventude teve todo apoio de sua família para concluir seus estudos.

Durante nossas entrevistas, era como estar diante de uma mulher guerreira, capaz de enfrentar todos os desafios de sua época, traçar todos seus objetivos com firmeza e se lembrar de um tempo em que muitas moças não tiveram a mesma oportunidade.

Ao ouvir seus relatos, percebemos o quanto foi importante o apoio de seus familiares naquela época, especialmente quando relembrou com muito carinho do seu irmão Moacir e sua importância na sua formação.

Na intenção de compreender a história de vida de Marilza e ordenar suas experiências, foi dada ênfase especial às questões da educação, como iniciou seus estudos, como foi sua formação no magistério até a conclusão no ensino superior.

Foi preciso investigar de que forma essa professora se constituiu, como também o seu jeito de ser professora, que não era só dela, mas de toda uma geração, de toda uma época. Período em que as moças só estudavam em colégios de freiras para imacular sua imagem. Essa constituição também advinha de outros elementos, que não era somente a formação na escola normal, mas também a classe social a que pertencia naquele período de 1966 quando iniciou no magistério.

Quando pensamos no tema e escolhemos o título: *A trajetória profissional de uma professora do noroeste paulista. A história do “fazer-se professora” de Marilza Barbosa de Almeida Marques*, constituímos um estudo por meio da trajetória da professora e os olhares daquela época, que assim, delineiam de que forma era compreendida a função de formar-se professora durante os meados do século XX.

É relevante retratar o modelo de mulher adotado frente aos seus estudos, em sua vida, em suas escolhas, ações, mostrando sua trajetória individual no contexto em que viveu; a descrição e análise de suas memórias e sua trajetória de vida significam valorizar o sujeito, o cotidiano escolar, social, de uma vida e de uma sociedade; o entendimento das particularidades das histórias locais, intimistas, de grupos, dos pormenores em um dado momento. Portanto, no artigo, quando decidimos retratar a trajetória da professora Marilza, pensamos que ela se enquadraria, pois foi uma mulher à frente do seu tempo.

No decorrer do trabalho, faremos a contextualização do local onde a professora Marilza viveu no intuito de dar conhecimento ao leitor dessa época.

A abordagem da história local é de suma importância para entender as particularidades regionais... ao assegurar que a história local é uma história circunstancial, ou seja, uma história de pormenores, de uma situação em um dado momento, não só de protagonista como também de coadjuvantes, história intimista. (SOUZA, 2009, p.16).

É muito importante reconstruir a trajetória individual e analisar as memórias de Marilza, durante todo seu percurso. Portanto, terá relevância social a partir do momento que a comunidade terá acesso a esse relato, dessa mulher professora, que fez história em nosso município e assim o faz até hoje, ainda como professora e secretária da educação de Santa Fé do Sul, aos 67 anos de idade e 44 anos de profissão.

Os objetivos deste artigo pautaram-se na reconstrução da história de vida da professora Marilza Barboza de Almeida Marques para que possamos compreender o ser e fazer-se professora na década de 70 e também investigar os acontecimentos pessoais, as práticas pedagógicas, os ideários educacionais que constituíram a representação de ser professora durante o século XX.

O artigo foi dividido em três partes. Na introdução, contaremos as motivações que nos levaram a pesquisar sobre a história de vida da professora ora mencionada, no segundo momento, realizamos a revisão bibliográfica que fundamentou o trabalho e, por último, o desenrolar das estruturas com as iconografias que foram utilizadas para ilustrá-lo, não deixamos de realizar a confrontação entre a teoria e as fontes que produzimos com as entrevistas.

## **2 UM POUCO DA HISTÓRIA ORAL**

Ao relatarmos a trajetória escolar de uma professora, nascida no sertão paulista, na década de 40, utilizaremos como metodologia a história oral que contribuirá para o levantamento de dados, registros que ficaram na memória da professora. “A História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial” (FREITAS, 2006 p.80).

A história oral tem seu marco em 1948, nos Estados Unidos da América, conforme anuncia Alberti (2011), a partir do instante em que inventam o gravador e começam a usá-lo para gravar acontecimentos, história de pessoas, o que passa a ser questionado sobre de que forma seria utilizado na posteridade. No começo eram gravadas entrevistas somente de pessoas importantes, depois o gravador passa a ser utilizado com grupos antes não ouvidos. Com isso a História Oral,

Opondo-se a história positivista do século XIX, a História Oral tornou-se a contra-História, a história do local e do comunitário (em oposição a chamada História de Nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível conciliar o saber com o povo e se voltar para a história dos humildes, dos primitivos, dos sem história (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores). (ALBERTI, 2011, p.157).

Esse modo de fazer história possibilita que tomemos conhecimento da história de diversos grupos e isso contribui para que as pessoas conheçam como viveram. No Brasil, de acordo com Veiga (2014), a História Oral passa a ser usada pelos pesquisadores em 1975. Assim a história dos vencedores e vencidos compõe o cenário acadêmico.

As entrevistas realizadas com a professora Marilza Barboza de Almeida Marques têm a finalidade de registrar os fatos acontecidos. Esses registros servirão para narrar a sua trajetória profissional e pessoal, de onde veio, o que estudou, como estudou, o início de sua carreira como professora, qual foi sua participação e contribuição na formação das pessoas na cidade de Santa Fé do Sul- SP.

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a conseqüente análise história: que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação (sonoras e virtuais) (LOZANO, 2006 p.17).

Segundo Meihy (2011, p. 13), o que caracteriza a história oral é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial. A coleta de depoimentos orais ocorre no sentido de busca de experiências, da vivência e de maneira a articular a escrita nos documentos, materializando-se a reconstituição da trajetória pessoal e profissional, neste caso da professora Marilza.

Segundo Meihy, a história oral ou história de vida é registrada por meio de relatos, resultantes da gravação de entrevistas que são realizadas em encontros marcados, nelas relatam-se os principais fatos ocorridos e suas respectivas datas. Uma entrevista não pode se tornar uma simples conversa, não pode ser transformada em um ato rotineiro, cada momento da entrevista deve ser considerado especial e único. O entrevistador deve possuir sensibilidade e tato para conduzir a conversa sem que aconteça a dispersão, porém caso isso ocorra, ele tem que logo retomar com um questionamento para que se obtenham as informações desejadas, sem constranger seu entrevistado. É preciso postura, entonação de voz, tratamento verbal, para se obter um bom resultado. O entrevistado deve se sentir à vontade, pois no momento de suas entrevistas será destacado como protagonista de sua história.

A história oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e das experiências dos “outros” (LOZANO, 2006, p.17).

Outro motivo da escolha da história oral como método é que esta abrange e marca uma época, marca uma história para que a pessoa não fique no anonimato. A história oral é feita

com depoimentos de pessoas anônimas, cujas histórias não foram contempladas nos documentos oficiais. Escolhemos história oral, porque, neste artigo, temos uma temática central: a história de vida da professora Marilza. Assim, detalhes da história pessoal da narradora só foram considerados à medida que revelassem aspectos significativos à matéria abordada.

Para compor este artigo, seguimos com a elaboração do projeto, depois foram feitas entrevistas, gravações, confecções de documentos escritos e análise de todos os períodos. A transcrição foi realizada, inicialmente, de forma literal, sendo que, em seguida, o texto foi remodelado, retirando-se as perguntas do entrevistador, colocando-se as emoções da depoente.

A história parte do princípio de que o presente não se explica por si, porque está ligado ao passado. Dessa forma, quem não conhece a história torna-se, muitas vezes escravo do presente, não sendo capaz de entender as teias e as tramas criadas nas sociedades anteriores à atual, sendo que, para a compreensão desse processo, não é adequado o modelo tradicional da historiografia, que reduz o domínio do campo histórico aos gabinetes e palácios, sem nenhuma interação com as aventuras da vida cotidiana. Tem-se, pois, a história cultural como caminho alternativo para escrita da história, já que permite revelar as manifestações das sociedades e, em especial, das pessoas comuns. Como afirma Vainfas (1993, p. 149), “a nova escola cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular” (SOUZA, 2009, p.22).

Entendemos por história cultural aquela que abrange todo um lugar, um determinado momento e como uma determinada realidade social é constituída.

A ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade – laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante (BURKE, 2008, p.38).

Revisar a história de vida da professora Marilza é recuperar os diferentes sentidos que o sujeito dá à sua vivência e de que modo se construiu. É o ponto de partida para compreender a história da profissão docente no noroeste paulista, tendo como pontos principais a sua investida, contempladas pelas possibilidades sociais, culturais e históricas reveladas nas entrevistas. Observamos na sua experiência como encarou a profissão docente nas diferentes etapas de sua carreira, o que denominamos de “ser professora” durante o século XX, enfocando as formas de valorização social do professor e como essa foi modificada, culminando na sua perda de autonomia e desqualificação do trabalho docente. Ser professor é um processo histórico que se constitui mediante conhecimentos profissionais singulares, e ao mesmo tempo, múltiplos, considerando as circunstâncias comuns dos percursos que podem ser percebidos por meio da noção distinta de cada um ler o vivido.

### **3 A MENINA, A MOÇA, A MULHER, ENFIM A PROFESSORA MARILZA BARBOSA DE ALMEIDA MARQUES**

Marilza Barbosa de Almeida Marques nasceu em Fernandópolis, interior do Estado de São Paulo, na Fazenda do Ranchão, em trinta de setembro de 1948, filha de Antonio Carlos de Almeida que trabalharia no comércio de Santa Fé do Sul, sendo proprietário de um bar, que também era restaurante e padaria e Braulina Barbosa de Almeida, esposa dedicada que acompanhava o marido em seu comércio.

Figura 1- Pais e Moacir irmão da professora Marilza, junho de 1943.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

A família chega a Santa Fé do Sul em 1952, pois a cidade era muito promissora tanto para a agricultura, pecuária e também o comércio. A principal atividade da família foi o comércio.

Figura 2 - Estabelecimento Comercial da família, 1956.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

Marilza teve dois irmãos, Murcio Carlos de Almeida que nasceu em 26 de março de 1944, formou-se em Educação Física e atualmente é funcionário público municipal aposentado e Moacir Carlos de Almeida, nascido em 13 de março de 1943, formou-se em Educação Física,

exerceu atividade como professor efetivo em escola estadual, foi professor, coordenador e diretor da Faculdade de Educação Física e Presidente da FUNEC.

Em 1956, a família de Marilza mudou-se para São José do Rio Preto porque seu irmão Moacir foi para o ginásio e em Santa Fé não havia escola ginásial, seu pai arrendou seu comércio em Santa Fé do Sul e abriu outro comércio em São José do Rio Preto. Seu irmão Moacir foi quem a levou no primeiro dia de aula no grupo escolar para estudar aos sete anos. Ficaram por lá até o meio do ano onde ela cursou a metade do 1º ano do Ensino Primário, no Grupo Escolar Victor Britto Bastos, no mesmo ano retornam para Santa Fé do Sul onde termina o 1º ano do primário no Grupo Escolar de Santa Fé do Sul, localizado onde hoje é a Praça Salles Filho. Cursou o 2º, 3º e 4º anos primários no Grupo Escolar de Santa Fé do Sul, localizado no atual Campus I da FUNEC, na rua oito. Em 1959, fez o Exame de Admissão, na época, obrigatório para ingressar no Ginásio e foi aprovada.

Nos anos de 1960 até 1963, cursou de 1ª a 4ª série do ginásial no Ginásio Estadual de Santa Fé do Sul, localizado na Praça Salles Filho. Na grade curricular do ginásio, cursou as disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes, Educação Física, Francês e Religião.

Figura 3- Primeiro Grupo Escolar de Santa Fé do Sul, 1956



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

No ano de 1964, no mês de fevereiro, Marilza mudou-se para Fernandópolis, dessa vez a família não a acompanhou, seu pai a levou para lá, pois sua família era toda de lá (suas tias), porém, seu pai achou melhor que Marilza ficasse hospedada em uma pensão. Matriculou-se no Instituto de Educação em Fernandópolis para fazer o colegial, porque não tinha este nível de ensino em Santa Fé do Sul, porém, em abril do mesmo ano retorna para Santa Fé, porque o Ginásio Estadual passou a oferecer o colegial - ENGE- Escola Normal e Ginásio Estadual de Santa Fé do Sul, cursando, assim, o curso de formação de professores primários, curso que preparava professores primários na época. Em 1966, forma-se a primeira turma de professores

em Santa Fé do Sul, esse é um dos motivos pelo qual a Professora Marilza foi escolhida para compor o enredo dessa pesquisa.

As disciplinas que compunham o quadro programático do curso do magistério eram: Português, Matemática, Inglês, História, Geografia, Psicologia, Sociologia, Filosofia, Metodologia, Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado, Biologia Educacional, Desenho e Artes Industriais

Os professores que lecionavam na época foram: Adacyr Ferreira (Ciências), Jorge Salles (Prática de Ensino Primário), Antonio Carlos de Freitas (Metodologia), Mario Gobbi (História do Brasil e Geral), Eliana Real (Psicologia e Sociologia), Neuzenice Miguel de Mattos (Artes), Nazareth dos Reis (Português), Waldomiro de Moraes Terra (Matemática), Keiko (Desenho), Zélia Therezinha Monteiro (Educação Física), Olívia (Educação Física), Sonia Zafallon (Geografia), Hermízia (Biologia) e Carlos Américo Trevisan (Inglês).

Seus amigos de sala eram: Hideme Higashi, Alice Shikanai, Rita Shikanai, Sueca Nozima, Hissako Nozima, Helena Nozima, Marlene Espigares, Maria Aparecida Teles, Jacira Renda, Sirene Lourenção, Maria Rosa Sant'Anna Grosso, Garibaldi dos Reis, Hiroshi Kumayama e Maria Helena Silveira Leite.

Marilza chegou a fazer estágios enquanto fazia o curso de formação de professores primários na cidade e na fazenda Almeida Prado onde tinha uma escola rural. Deslocavam-se bem cedo, levavam marmitas e ficavam o dia inteiro, envolvidas com as crianças da escola. Porém, a professora Marilza, quando finaliza o magistério, não ministra aulas, todas as suas amigas que se formaram com ela foram dar aula, mas seu pai queria que ela prosseguisse os estudos e fizesse curso superior.

Figura 4- Estágio Supervisionado do Curso de Formação de Professores Primários da Zona Rural- Fazenda Almeida Prado – 1966.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

“Quando fiz curso de formação de professores eu não fui ministrar aula, a classe inteirinha das minhas amigas e os meus amigos, foram, deram aulas, tanto é que elas se aposentaram primeiro que eu. Enquanto elas davam aulas em quatro anos, eu fui fazer faculdade em Lins. Depois que eu me formei prestei concursos, eu prestei oito concursos na rede estadual de ensino, de oito concursos eu passei em sete, e um dos concursos eram de professor primário, fui a São Paulo para escolha. Ao chegar em São Paulo pra escolher, a vaga que tinha era no Vale do Ribeira. Eu já era professora aqui do curso colegial, de Biologia e Ciências Físicas e Biológicas, como a vaga era só para o Vale do Ribeira, eu não fui assumir, fiquei dando aula aqui, porque eu já dava aula na faculdade. Quando eu comecei a dar aula aqui dei aula, só um ano no Estado, no segundo ano em 1972, já comecei a dar aula na faculdade, como eu tinha muitas aulas, não fui assumir, pois não era do meu interesse ir para o Vale do Ribeira” (MARQUES, 08/10/2015)

Figura 5 - Inspetor Escolas, Professor Jorge Sales e Professor José Caetano, 1966.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

Figura 6 - Primeira turma de formandos de Professores Primários de Santa Fé do Sul, 1966.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

Em 1967, foi fazer o Curso Superior na cidade de Lins Faculdade “Auxilium” de Filosofia, Ciências e Letras de Lins, optando pela Licenciatura em Pedagogia, a qual concluiu em 1970. Durante o curso de Pedagogia, é necessário cumprir um período de estágio, porém, ela não realizou seus estágios em Lins, deslocou-se para Santa Fé, pois queria realizar seus estágios no primeiro grupo, onde estudou e, neste período, também atuou em substituições, sendo assim, participou do livro ponto, o qual teve que assinar, recebeu pelo seus serviços e isso acabou favorecendo a professora durante sua carreira, pois esse início foi averbado a seu tempo de serviço prestado no Estado e colaborou para sua futura aposentadoria.

Figura 7- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lins, 1967.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

### **COMO FOI ESTUDAR EM UMA ÉPOCA ONDE A FORMAÇÃO DE MOÇAS NÃO TINHA APOIO DA PRÓPRIA FAMÍLIA?**

A família proporcionou todo o apoio emocional e financeiro para que fosse estudar em outra cidade, sendo a primeira jovem de Santa Fé do Sul a estudar tão longe e ir em busca de aprimoramento profissional.

Escolhe a cidade de Lins, no Estado de São Paulo, por influência de sua professora de Psicologia, Eliana Maria Lusvargui Fioroni Real, pois ela havia se formado naquela cidade, local onde residia. A professora muito solícita providenciou sua moradia no pensionato das Irmãs Salesianas, localizado dentro da própria faculdade. Locomove-se para Lins, com seu irmão Moacir, no mês de janeiro para realizar o cursinho preparatório para o vestibular, que era oferecido na própria faculdade. O ingresso no curso era muito concorrido, todos queriam fazê-lo, pois o curso de Pedagogia dava direito a dar aulas em muitas disciplinas. Entraram 36 alunos, sendo 35 moças e somente um rapaz. O curso foi muito difícil, pois a professora de

Matemática era uma engenheira, muito rígida, o que demonstra que ainda não tínhamos profissionais especializados na área para trabalharem na formação de professores. De trinta e seis alunos que ingressaram no curso de Pedagogia somente dezenove concluíram o ensino superior, esse é um dado importante, a evasão e desistência aconteciam também no ensino superior. Para aprofundarmos os motivos que levaram a essa evasão seria necessária uma busca dentro da instituição formadora, teríamos, então, dados para outra pesquisa, quiçá poderemos dar continuidade a este trabalho.

“Quem me levou, no primeiro dia no Grupo em São José do Rio preto foi meu irmão Moacir. Quem me levou para fazer faculdade, foi meu irmão Moacir, quem me levou para fazer o mestrado em São Carlos, que acompanhou tudo, também foi meu irmão Moacir. A dona Eliana e o Dr. Edson Real, cuja família morava em Lins, foram lá, acertaram o pensionato que era dentro da faculdade. Eu fui para lá no mês de janeiro, fazer o cursinho, meus pais ainda não tinham ido, quem me levou foi meu irmão Moacir, durante o mês de janeiro de 1967, fiquei em Lins dentro do pensionato fazendo cursinho, por que dentro da própria faculdade tinha um cursinho preparando para o vestibular. Em fevereiro foi o vestibular, naquela época tinham 40 vagas, passaram só 36 pessoas, era um curso que tava em alta, era um curso bom que todo mundo queria fazer por que poderia dar aulas em muitas disciplinas, era um curso que tava em alta, nós passamos em 36 alunos dos 36, 35 eram meninas e um homem, apenas o Odair de Guaimbê. Foi um curso muito difícil, por que nós tínhamos Matemática, principalmente Matemática e Biologia. A professora de Matemática era uma engenheira, que depois passou a ser uma freira Irmã Glória, ela era muito rígida, então de 36 alunos, nós nos formamos em 19 alunos, foi um curso muito difícil, no primeiro ano, de matemática, ela deu pra nós praticamente o conteúdo dos três anos do colegial, ela deu toda a matéria dos três anos de colegial em seis meses. No segundo semestre ela deu estatística, até logaritmo a gente aprendeu, então foi muito difícil, essa disciplina e a disciplina de Biologia que Sr. Odair ministrava, que era um professor de Presidente Prudente, foram duas disciplinas que praticamente peneiraram os alunos do curso de Pedagogia” (MARQUES, 08/10/2015).

Mais uma vez, a fala da professora demonstra o quanto seu irmão foi decisivo na sua formação, o apoio dado por ele nos remete ao fato corriqueiro de que os irmãos mais velhos tornavam-se responsáveis pelos mais novos e isso é visto em diversas situações.

Figuras 8 – Formandas 1970 – Curso Pedagogia.



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

Figura 9 - Marilza e os pais



Fonte: Marilza Barbosa de Almeida Marques

Concomitantemente ao curso de Pedagogia, nos anos de 1969 e 1970, frequentou o 1º e 2º termo do Curso de Ciências Físicas e Biológicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis, também licenciatura, para ministrar aulas no 1º Grau, transferindo-se depois (1971) para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Dracena, onde concluiu o último ano. Nos anos de 1972 e 1973, fez o Curso de Ciências Biológicas na Faculdade de Filosofias, Ciências e Letras “Prof. José Augusto Vieira”, na cidade de Machado- MG para ministrar aulas para o 2º Grau. Um curso era diurno e o outro, noturno.

Depois que se formou, prestou oito concursos públicos, passou em sete e um deles era para ministrar aula no primário, foi para São Paulo, para sua nomeação e escolha, mas a única

vaga oferecida era no Vale do Ribeira, então não aceitou porque já era professora aqui em Santa Fé no curso colegial de Ciências Biológicas, por isso não assumiu o cargo. Ministrava muitas aulas também na faculdade, por isso não era de seu interesse dar aula no Vale do Ribeira, assumir um cargo de ensino primário.

Em 1973, casou-se com Adilson Dennis Poletto, porém ficou viúva com um filho de seis meses, chamado Henrique Poletto. Em 1979, casou-se novamente com Geraldo Benedito Marques, professor universitário e diretor da escola Thereza Siqueira Mendes, hoje já está aposentado, teve com ele dois filhos, José Geraldo e Thaisa. Suas vidas profissional e familiar sempre caminharam juntas, uma não impedia que a outra acontecesse, características de mulheres que estão sempre à frente do seu tempo, não deixando de lado seus desejos particulares e profissionais.

Durante sua vida acadêmica, participou com outros jovens de Santa Fé do Sul, que também frequentaram universidades, de movimentos estudantis, fundando uma associação designada União Acadêmica Mahatma Ghandi – UAMG e promoviam suas reuniões no Santa Fé Tênis Clube, no cinema e na rádio Santa Fé. Exibiam peças teatrais, literárias e de pinturas, com a presença de artistas famosos. Também abriram um local (barzinho) para encontro dos associados. À frente da UAMG estavam os estudantes: Edinho e Nelson Araújo, Wilson Sartori Gonzales, Ettore Bottura, Milton Ruiz Alves, Maria José Sardinha, Nelsi Coelho Araújo, entre outros. Engajados com a situação política do país e da cidade, discutiam diversos assuntos, o que gerava prazer idealista aos jovens daquela época.

Durante os anos de faculdade, participou de mais de 30 cursos de extensão universitária, encontros e fóruns de educação em várias cidades do Estado de São Paulo. Em 1971, iniciou as suas atividades no Magistério, inscrevendo-se na rede pública estadual. No dia 05 de março de 1971, foram atribuídas aulas do Ensino Secundário da Escola Professor Itael de Mattos, no Ginásio Estadual de Rubinéia e no Ginásio Estadual de Santa Clara D'Oeste.

Na incessante busca pelo aprimoramento da sua carreira profissional, continua dedicando-se a prestar concurso dentro das áreas lhe interessavam. No ano de 1972, iniciou as suas atividades como professora universitária, nas disciplinas de Biologia e Biologia Educacional, na ASEC - Associação de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul, no curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física da Alta Araraquarense, tendo participado da aula inaugural do referido curso. A professora, sempre com o espírito de liderança, assume o cargo de Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas no ano de 1997. No ano de 2006, participou do Concurso de Professores da FUNEC, tendo assumido como professora

universitária, em 05 de fevereiro de 2007, nas Disciplinas Comuns: Biologia e Histologia, permanece como titular do cargo até os dias atuais.

Foi aprovada em Concurso Público como Professora III de Ciências Físicas e Biológicas, na Rede Pública Estadual, conforme publicação no D.O de 15/08/1978, tendo escolhido a Escola Estadual Rubens de Oliveira Camargo e tomado posse no ano de 1979.

Envolvendo-se com questões de gestão escolar, a professora assume em 1980 por nomeação, a Comissão para responder pela direção das Escolas Agrupadas de Esmeralda, onde permaneceu até 1987. Lá ela exercia o papel de diretora. No ano de 1987, foi transferida para o IEPIM como vice-diretora (efetiva), juntamente com o diretor José Clemente e vice-diretor Domingos Bernardelli da Costa.

Percebe-se ao analisar a trajetória profissional da professora que ela, no seu íntimo, possui interesse pelas as questões de gestão escolar e que durante o seu percurso profissional demonstra em diversas passagens buscava seu aperfeiçoamento no propósito de lutar pelas causas educacionais, tanto em nível estadual, municipal como, também, envolvendo questões do Ensino Superior, pois nos anos 1996 a 2004 foi membro do Conselho de Curadores da FUNEC, como representante dos professores, eleita pelos seus pares, onde buscava por melhoria na qualidade do ensino desta instituição.

Nos anos de 1997 e 1998, matriculou-se como aluna especial no Curso de Pós-Graduação em Ciências biológicas, Área de Concentração em Genética – Nível de Mestrado na Universidade Estadual Paulista Câmpus de São José do Rio Preto, onde cursou 03 disciplinas. Em 1999, matriculou-se como aluna regular no Curso de Pós-Graduação na Área de Concentração Genética, na Universidade Federal de São Carlos, onde concluiu o Mestrado apresentando a sua Dissertação em 05/09/2002: “Estudos Citogenéticos em *Conorhynchusconirostris* e *Lophiosilurusalexandri* – Pisces Siluriformes – espécies endêmicas do Rio São Francisco”.

“Eu sou uma pessoa, uma profissional da educação que ainda tenho muita esperança na educação. Eu acho que com os projetos agora lançados pelo MEC, em relação ao PNAIC, e o projeto nacional de alfabetização na idade certa (PACTO), é um projeto que o Brasil poderá avançar em termo de Brasil mesmo, de todos os estados. Se as pessoas que estão na educação hoje levarem avante, levarem a sério esse projeto, esse plano nacional que é o PACTO, eu acho que o Brasil vai sair da sua posição de 85º lugar em relação à educação, o Brasil vai conseguir avançar um pouco. Eu acredito que com esse problema político que estamos passando hoje poucos profissionais querem ser professores, a política nacional não valorizando o professor, o descaso com o professor vem a causar essa defasagem de professores que estamos tendo hoje, principalmente professores especialistas em áreas como física, química e biologia. Eu acho que essa migração dos professores para escolas particulares e escolas privadas onde tem maior valorização, eu acho que com todo esse quadro fatídico dos

profissionais da educação, estamos chegando bem próximo assim do momento em que os governos, tanto federal, estadual e os governos municipais vão dar essa valorização para os profissionais da educação, e em um momento não muito longe, que eu espero chegar neste momento, em que o professor será valorizado. Eu acredito na educação ainda do nosso país, Brasil. Se as faculdades, nos cursos de formação das suas licenciaturas tiverem essa preocupação, essa mudança de currículo, as nossas faculdades têm que estar voltadas para formar professores. Eu estando à frente da educação municipal durante sete anos, tenho me preocupado em formar professores especialistas em berçário, professores especialistas na pré- escola, professores especialistas de primeiro a terceiro anos, que são professores alfabetizadores, tenho estado preocupada, formando e capacitando professores de quartos e quintos anos, porque eu acho que a solução está aí, formarmos professores especialistas em diversos níveis de ensino. Eu ainda acredito muito na educação ( MARQUES, 2015).

#### **4 CONCLUSÃO**

Quando temos que escrever algo sobre alguém, sobre um lugar, um fato, isso é sempre muito desafiador, pois a falta de prática com a escrita de textos científicos nos deixa inquietos, portanto, quando percebemos que o texto começa a tomar um corpo, as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar, um misto de ansiedade, angústia e curiosidade tomam conta da nossa alma. Foi assim que aconteceu com essa pesquisa, pois precisávamos escolher uma pessoa que representasse uma categoria para ser investigada a de “professora”, pois bem, fizemos a escolha. Agora tínhamos um árduo trabalho pela frente que eram as entrevistas, angariar as fontes que iriam compor o quadro desse texto. Após a realização desse trabalho, tínhamos que transformá-lo em texto científico.

No desenrolar da pesquisa, percebemos que havíamos acertado na escolha da professora Marilza, uma mulher que almejava uma carreira profissional, foi nessa busca de seus ideais, lutou, teve dificuldades sim, porém, não desistiu de seus objetivos, pelos quais ainda luta até os dias atuais acreditando numa educação de progresso, como afirma em sua entrevista.

Embora pareça fácil realizar esse tipo de pesquisa, sabemos que não é. Dependemos de dados que precisamos construir por meio das entrevistas, das fotografias, dos documentos fornecidos pelo depoente.

Concluimos com o trabalho, que a formação de professores no interior do Estado de São Paulo, no final dos anos 60, ainda passava por intempéries como a dificuldade de locomoção para as escolas para realizar os estágios, a falta de escolas especializadas, a ausência de um significado para algumas famílias em proporcionarem os estudos às filhas, o que não aconteceu com nossa professora. Essa teve o apoio e a garantia por parte dos pais e familiares de prosseguir com seus estudos mesmo tendo que deslocar-se da cidade. A História Oral apresenta-se como um caminho que nos oferece múltiplas possibilidades para

enveredarmos no campo da pesquisa, dando ouvido a diferentes grupos, de diferentes camadas sociais e a riqueza dessa técnica faz com que tenhamos registros significativos de pessoas antes não ouvidas.

## **THE CAREER OF A TEACHER IN THE NORTHWEST SÃO PAULO: THE HISTORY OF CONSTITUTING AS A TEACHER OF MARILZA BARBOSA DE ALMEIDA MARQUES**

### **ABSTRACT**

This article aims at reconstituting the academic and personal trajectory of a teacher. Where she came from, what she studied, how was her formation, the beginning of her career, what was her participation and contribution in the formation of the people from the city of Santa Fé do Sul-SP. The teacher, born in the São Paulo hinterland, in the 40s, was chosen as the object of this research for being part of the first group of ENGE- Escola Normal e Ginásio Estadual de Santa Fé do Sul, so, studying the Magisterium (teacher preparation), who formed the first primary school teachers in the city. The methodology which supports the research is oral history, which works and makes use of oral sources, collected through interviews. Oral history enables the registration of individual memory, the reinterpretation of a past. This technique allowed to research groups, subjects who somehow are immersed in the constitution of history of a location. The testimony of the teacher is used as a source. The goal is to narrate her career, so we can understand how is to be and to constitute as a teacher in the 70s. The research consists of two phases, starting from the following questions: what meant studying in an era where the formation of girls had no support from his family? How was the trajectory of this constituting as a teacher? The theoretical support and the literature review will take place in the first part, in which we will discuss the principles of Oral History, and then it will make the trajectory of the teacher.

Keywords: Education. Training. Oral history. Teachers.

### **REFERÊNCIAS**

- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (org). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord). **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- MARQUES, M. B. A. **Depoimento oral**. Santa Fé do Sul – SP. 2015. 18 setembro 2015, 08 outubro 2015, 21 outubro 2015. Entrevistadora: Emanuele Celina da Silva. Entrevista concedida para elaboração do TCC da entrevistadora.

MEIHY, J. C. S. B.. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades e famílias São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, J. B.. **Ser e fazer-se professora no Piauí no Século XX.** 2009. 221f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFU, Uberlândia, 2009.

VEIGA, G. S. P. **História da educação do Patronato de menores São José em Paranaíba – MT (1953 – 1963).** 2014. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFU, Uberlândia, 2014.

Recebido em 29 de fevereiro de 2016.

Aceito em 25 de julho de 2016.